



# As concepções sobre a mente primitiva no discurso de psicanalistas: um tema em pesquisa\*

*Paulo José da Costa\*\**, Maringá

*Eva Maria Migliavacca\*\*\**, São Paulo

*Priscila Masson Maia\*\*\*\**, Maringá

*Renata Cristina Marques Bolonheis\*\*\*\*\**, Londres

*A expressão mente primitiva aparece com frequência na literatura psicanalítica, muitas vezes usada como um conceito sem definição precisa, constituindo-se numa problemática a partir da qual nos propusemos a investigar as concepções de psicanalistas sobre a mente primitiva através de um estudo qualitativo-descritivo. Foram entrevistados 40 psicanalistas, de ambos os sexos e de diferentes regiões do país. Destacaram-se proposições concordantes e discordantes quanto ao uso de tal expressão, predominando nas argumentações de ambos os lados referências a Freud, Klein, Bion e, com menos ênfase, Winnicott. No confronto dessas duas categorias de proposições, o que sobressai é a explicitação de pontos de vista diferentes e até antagônicos, nos quais o que fica marcado é a complexidade que cerca a utilização da expressão mente primitiva no contexto psicanalítico, configurando-se um campo multifacetado do qual emergem inúmeras outras possibilidades de investigação.*

*Descritores: Mente primitiva. Estados primitivos da mente. Psicanálise. Pesquisa.*

\* Uma versão parcial e resumida do presente trabalho foi apresentada na VI Semana de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, tendo sido publicado um resumo nos Anais do evento.

\*\* Professor Adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, Doutor em Psicologia Clínica no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

\*\*\* Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

\*\*\*\* Psicóloga, Especialista em Psicologia Clínica Psicanalítica pela Universidade Estadual de Londrina.

\*\*\*\*\* Psicóloga, Especialista em Saúde Mental e Intervenção Psicológica pela Universidade Estadual de Maringá.



## 1. Introdução

A expressão *mente primitiva* aparece com frequência na literatura psicanalítica, muitas vezes usada como um conceito sem definição precisa. Contudo, não é um termo sem problemas no vocabulário psicanalítico, até porque, embora frequente na literatura, não consta como um verbete nos dicionários específicos (Chemama, 1995; Cunha, 1970; Hanns, 1996; Hinshelwood, 1992; Kaufmann, 1996; Laplanche; Pontalis, 1986; Mousseau; Moreau, 1984; Roudinesco; Plon, 1998; Rycroft, 1975; Zimerman, 2001). Também não aparece no *Glossário de psicanálise*, que consta no *site* da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo ([www.sbpsp.org.br](http://www.sbpsp.org.br)), nem no *Tesoro de psicoanálisis online da Asociación Psicoanalítica* de Buenos Aires (APdeBA), que disponibiliza os descritores elaborados pela *Asociación Psicoanalítica Argentina* (APA) em sua versão de 2006.

Procurando elementos que pudessem ajudar a pensar esse contraste entre a utilização frequente da expressão *mente primitiva* como um conceito e sua ausência nas obras de referência (dicionários, fontes de descritores) na área, poder-se-ia pensar que se trata de algo novo, sem ter transcorrido o devido tempo que favorecesse sua incorporação e consolidação no vocabulário psicanalítico. Entretanto, não nos parece ser este o caso, pois esse contraste vem ocorrendo há muito tempo, o que indica uma problemática envolvendo polêmicas tanto conceituais quanto epistemológicas.

Não foram encontrados dados que ajudassem a estabelecer uma definição mais precisa do que seja *mente primitiva*, ficando claro que o termo em pauta é utilizado como um conceito em várias publicações especializadas de forma ampla e genérica, sem apresentar uma definição que indique com mais exatidão a que se reporta, sendo apenas suposto, no contexto, a que se refere.

Partindo de alguns autores brasileiros (por exemplo Braga, 1995; Gomes, 1983; Kaio, 1999; Korbivcher, 1999, 2006; Lisondo, 1992; Longman, 1994; Rezze, 1997) que utilizam o termo *mente primitiva* ou *congênere*, mesmo que o façam de forma genérica ou suposta, é possível entender *mente primitiva* como um conceito que se refere à expressão dos estados iniciais do desenvolvimento do psiquismo humano, ou seja, aos níveis mais precoces da organização mental e suas manifestações (Costa; Carvalho, 2002).

Nesse sentido, a utilização do conceito de *mente primitiva* teria importantes implicações não somente no campo teórico, para uma maior compreensão do psiquismo humano, mas também na clínica, com conseqüente repercussão no



modo de pensar clinicamente, na compreensão dos fatos clínicos e, portanto, na técnica.

Embora até o presente tenhamos predominantemente feito referências a autores brasileiros, a problemática em questão parece não se restringir à nossa realidade nacional, mas se estende ao âmbito da produção psicanalítica internacional. Um levantamento bibliográfico na base de dados PsycINFO também demonstrou que a expressão *primitive mind* aparece sem ser definida, sendo seu sentido suposto pelo contexto de forma genérica (conforme pode ser observado, por exemplo, em Azzoni et al., 1986; Bell, 1996; Davidson, 1963; Eigen, 1981; Eissler, 1952; El Safti, 1973; Khan, 1968; Leira, 1998; Olson, 1997; Shengold, 1993; Tuttmann, 1985; Zanocco et al., 2006).

Por essas constatações, podemos pensar que o conceito de mente primitiva é polêmico no âmbito da psicanálise, pois embora o seu uso seja frequente no discurso psicanalítico, está longe de ser consensual, manifestando-se através de uma multiplicidade de posicionamentos, com a possibilidade de inúmeros questionamentos. Talvez a sua própria condição de ser suposto indique, portanto, mais que um conceito e sua respectiva definição, uma situação que parece evidenciar a existência de concepções acerca do termo e do que seja a mente primitiva. Segundo Turato (2003, p. 508-509):

“o termo *concepção* devemos empregar quando nos referimos ao fato de que houve uma criação mental, uma formação de idéias sobre um assunto, uma abstração em relação a um tema em questão, sem que haja a preocupação de colocar suas delimitações, seus contornos de formação ou suas fronteiras com as concepções de outros temas vizinhos [...]. Na linguagem da conversação comum, concepção quer dizer simplesmente ‘noção’ ou ‘modo de ver’ de alguém”. (grifos meus)

Parafraseando este mesmo autor, certamente que uma concepção de mente primitiva não é exatamente o conceito *mente primitiva*, embora seja possível admitir que este último possa estar contido na primeira (Turato, 2003). De qualquer modo, a questão continuava posta: o que é a mente primitiva, tal como essa expressão é utilizada no âmbito psicanalítico? Assim sendo, procuramos investigar as concepções que psicanalistas têm sobre mente primitiva, sendo esse o objetivo do nosso trabalho. Portanto, partindo dessa questão, julgamos pertinente o desenvolvimento do presente estudo com o intuito de buscar elementos que permitissem discutir o assunto e contribuir para seu aprofundamento, como uma aproximação exploratória que possibilitasse delinear melhor esse campo



problemático e que favorecesse investigações posteriores, pois muitas vezes tal expressão é utilizada com implicações na compreensão dos fenômenos clínicos e de aspectos do desenvolvimento psíquico tanto do ponto de vista teórico quanto técnico no trabalho analítico.

## 2. Aspectos metodológicos

Nosso trabalho configura-se como um estudo qualitativo-descritivo, sendo este um tipo de investigação que tem como finalidade descrever e/ou analisar as características de um determinado fenômeno, priorizando os significados que os participantes atribuem ao objeto estudado (Campos, 2001).

Tendo em vista que o propósito de nossa investigação é uma questão pontual, optamos por realizar entrevistas com uma única questão disparadora, supondo que o entrevistado teria liberdade para se expressar. O caminho que nos pareceu mais viável foi fazer contato com psicanalistas de ambos os sexos e de diversas regiões do país e solicitar sua colaboração, optando-se pelo meio eletrônico via *e-mail* para a realização das entrevistas com o intuito de simplificar o processo, facilitar o acesso aos profissionais e obter maior rapidez nas respostas.

Foram localizados 1.169 endereços eletrônicos nos *sites* da Associação Brasileira de Psicanálise (atualmente FEBRAPSI) e das sociedades, núcleos e grupos a ela vinculados, aos quais foram enviadas nominalmente mensagens que continham o objetivo da pesquisa e o compromisso de sigilo e privacidade. Além disso, solicitava-se a resposta à seguinte questão: – *Na sua opinião, o que é a mente primitiva?*

Efetivamente atenderam à solicitação 40 psicanalistas, cujos relatos foram impressos omitindo-se qualquer dado de identificação, tendo eles recebido uma codificação ( $P_1, P_2, \dots P_{40}$ ) para facilitar o processo de análise qualitativa. Esse tipo de análise tem como característica fundamental a busca dos significados contidos no material oriundo dos discursos dos participantes, sendo aqui o discurso entendido como fala através da qual os psicanalistas manifestaram suas opiniões, o que pensam a respeito do assunto proposto. Nessa perspectiva, procuramos descrever nossa compreensão a partir dos dados descritivos obtidos dos discursos dos psicanalistas participantes, identificando tendências e padrões congruentes ou divergentes. Separamos e agrupamos os elementos que compõem o material, procurando levar em conta a relação deles entre si, quando necessário.



### 3. Resultados

A partir do discurso dos participantes, considerando-se os elementos que nos pareceram emergir de cada uma das respostas, em seus aspectos convergentes ou divergentes, além de outros igualmente significativos que serão depois destacados, foi possível estabelecer quatro eixos temáticos que podem ser assim especificados: proposições gerais sobre o assunto em investigação; proposições consoantes com o conceito de mente primitiva; proposições contrárias ao uso dessa expressão; outras constatações.

#### 3.1. Proposições gerais sobre o assunto

Quanto às proposições gerais, alguns participantes manifestaram ser muito interessante o questionamento sobre o conceito de mente primitiva (P<sub>14</sub>), considerando bastante justificada a inquietude intelectual que deu origem à presente pesquisa, tendo em vista que muitos conceitos psicanalíticos padecem de imprecisões consideráveis (P<sub>1</sub>) e necessitam ser mais bem definidos (P<sub>36</sub>). Também a necessidade de estudos como o presente trabalho é enfatizada, porque a expressão *mente primitiva* “aparece na literatura, de modo frouxo e não definido (...)” (P<sub>33</sub>).

Desse modo, alguns julgaram útil fazer um levantamento sobre o assunto em pauta (P<sub>25</sub>), sendo fundamental a realização de estudos como este (P<sub>21</sub>), pois mente primitiva é uma expressão muito utilizada na literatura psicanalítica em palestras e conversas entre os pares (P<sub>6</sub>, P<sub>16</sub>, P<sub>20</sub>), mas nem sempre com a devida precisão conceitual (P<sub>19</sub>). Parece ser tratada de forma ampla e genérica (P<sub>36</sub>) e, embora de uso frequente, não aparece nos dicionários de psicanálise (P<sub>13</sub>).

Um dos participantes afirmou achar curioso o conceito de *mente primitiva*, embora não hesite em definir e utilizar a expressão (P<sub>27</sub>). Outro afirma nunca ter-se detido na questão referente à mente primitiva, embora use a expressão muitas vezes (P<sub>3</sub>). Contudo, há quem pense que *mente primitiva* não seja um conceito psicanalítico (P<sub>10</sub>), ou que seja uma expressão imprópria como conceito, embora se possa ver sentido nas descrições de fatos clínicos que acompanham essa denominação (P<sub>9</sub>).

#### 3.2. Proposições concordantes com o conceito de *mente primitiva*

No que se refere às proposições convergentes quanto ao conceito de *mente primitiva*, foram agrupadas as ideias dos participantes que consideram pertinente sua utilização, bem como seus respectivos modos de concebê-la. A partir daí se estabelecem os conceitos e ideias a seguir relacionados sobre *mente primitiva*.

a) *Mente primitiva* está relacionada ao modo de funcionamento mental em



que há a prevalência ou predominância do processo primário, regido pelo princípio do prazer ( $P_1, P_8, P_{12}, P_{18}, P_{21}, P_{40}$ ); caracteriza a fragilidade da organização mental ( $P_8$ ), na qual não há a prevalência de construções simbólicas significativas por preceder o processo secundário ( $P_8, P_{18}, P_{21}, P_{40}$ );

b) Refere-se à condição psíquica inicial do bebê, correspondendo às etapas iniciais do desenvolvimento do psiquismo humano, que podem abranger desde o período embrionário ( $P_2, P_{14}, P_{32}$ ) ou aquele a partir do nascimento, como indica a maioria dos participantes ( $P_3, P_4, P_8, P_{11}, P_{12}, P_{13}, P_{17}, P_{18}, P_{27}, P_{28}, P_{31}, P_{34}, P_{35}, P_{37}$ ), até os períodos subsequentes. Tais períodos são indicados como correspondentes ao primeiro ano de vida ( $P_{35}, P_{37}$ ), ou parte dele; como equivalentes às vivências das posições esquizoparanoide e depressiva ( $P_{35}$ ), ou extensivos “[...] até antes da elaboração da posição depressiva” ( $P_4$ ); ou, de outra perspectiva, podem incluir o período auto-erótico e de narcisismo primário ( $P_8, P_{29}, P_{34}$ ). Por vezes a demarcação desse período pode ser menos precisa, tal como indicam as frases: “[...] fase anterior ao estabelecimento do pensamento verbal” ( $P_{34}$ ); “[...] antes que o indivíduo possa dispor de uma mente capaz de símbolos” ( $P_3$ ); “[...] é a mente no seu estado inicial. É o psiquismo constituindo-se” ( $P_{17}$ ).

c) É pré-simbólica ( $P_3$ ), pois, ao se referir ao funcionamento mental no período inicial do desenvolvimento do psiquismo humano, evidencia-se a “fragilidade da organização mental”, que ainda não permite processos de simbolização propriamente ( $P_8$ ), por ser “[...] repleto de concretudes, quando a palavra só funciona como objeto, sem significado” ( $P_{11}$ ), onde “[...] há predominância de imagens ao invés da palavra [pois] ainda não há prevalência do processo simbólico, secundário” ( $P_{18}$ ), sendo “[...] uma mente que ainda terá um trabalho para realizar em direção ao seu desenvolvimento psíquico rumo à simbolização” ( $P_{38}$ ). Desse modo, só posteriormente, “com o desenvolvimento continuado [é que] vão somando-se capacidades mais evoluídas como a simbolização” ( $P_2$ ). Essa característica da mente primitiva ser pré-simbólica remete à incapacidade do indivíduo nesse momento “[...] de simbolizar, de ‘sonhar’ (em termos bionianos), de funcionar abstratamente” ( $P_{16}$ ), culminando por “[...] apegar-se às coisas concretas” ( $P_{16}$ ). Desse modo, evidencia-se a existência de conteúdos não pensáveis, de “[...] atividades mentais que se expressam por elementos beta (Bion)” ( $P_{28}$ ). Predomina a incapacidade inicial de transformar esses elementos em outros, do tipo alfa ( $P_{16}$ ), como um aspecto marcante.

d) É aquela que experimenta intensamente ansiedades psicóticas e na qual predomina o uso de mecanismos de defesa arcaicos/primários (ou primitivos). Tais ansiedades, ditas psicóticas, são aquelas características das posições iniciais descritas por Melanie Klein referentes ao primeiro ano de vida, que são a



persecutória e a depressiva ( $P_4, P_{15}, P_{25}, P_{26}, P_{31}, P_{35}$ ). O bebê, ainda sem os recursos psíquicos mais desenvolvidos ou amadurecidos para lidar com essas ansiedades ( $P_{12}, P_{31}$ ), não tem a condição ou experiência emocional necessária para a transformação dos elementos beta em elementos alfa ( $P_{12}, P_{28}, P_{31}$ ); também vivencia um estado inicial de indiferenciação entre o eu e o outro ( $P_{12}, P_{37}$ ). Além disso, destaca-se a intolerância acentuada às frustrações e a falta de discriminações, “[...] incapacidade de aprender das experiências emocionais vividas, [sendo que] a noção do eu e dos objetos tende a ser concebida sob a forma de imagens idealizadas, de qualidade fantástica ou mesmo aterrorizadora, ou completamente estragadas e destruídas” ( $P_{25}$ ). No contexto dessas configurações que caracterizam a *mente primitiva*, diante dessas vivências, o bebê faz uso dos recursos defensivos disponíveis, tais como cisão ( $P_4, P_{12}, P_{15}, P_{25}, P_{29}$ ), desintegração ( $P_{37}$ ), dissociação ( $P_{37}$ ), idealização ( $P_4, P_{15}$ ), identificação projetiva ( $P_4, P_{15}, P_{25}, P_{29}, P_{37}$ ), identificação adesiva ( $P_4, P_{29}$ ), introjeção ( $P_4$ ), negação ( $P_4$ ), onipotência ( $P_4$ ) e projeção ( $P_4, P_{12}$ ).

e) Está presente em todos os indivíduos, nos diversos momentos da vida que evocam o estágio inicial do desenvolvimento do psiquismo, ou – dizendo de outro modo – que invocam as configurações iniciais da construção do aparelho psíquico; pois, mesmo com o desenvolvimento emocional posterior, que possibilita a consolidação das “[...] capacidades mais evoluídas, como a simbolização” ( $P_2$ ), a instauração do processo secundário regido pelo princípio da realidade, a transformação dos elementos beta em elementos alfa, a ampliação da capacidade de pensar, permanecem os remanescentes das vivências anteriores ( $P_3, P_{31}$ ), cujos fragmentos podem ser observados, mesmo que indiretamente, em cada indivíduo “[...] nas sucessivas experiências emocionais da vida” ( $P_7$ ). Portanto, trata-se de uma configuração, “[...] um ‘estágio do pensar’ que ocorre com todos nós, em diversos momentos, mas que evoca esse estágio inicial” ( $P_{11}, P_{24}, P_{27}, P_{28}$ ), em que conflitos e ansiedades correspondentes às vivências anteriores são reativados, mesmo na personalidade já formada ( $P_{17}, P_{30}$ ), podendo constituir-se inclusive num “[...] instrumento da própria mente para lidar com as angústias e vivências atuais” ( $P_{39}$ ). Tais aspectos podem ser observados também “[...] em povos ‘primitivos’, ou ‘selvagens’, reproduzidos na arte [...], em filmes, nos desenhos infantis, no trabalho onírico e na maioria das vezes nos psicóticos [...] e em núcleos do funcionamento neurótico” ( $P_{18}, P_{32}$ ). Inclusive, numa concepção bioniana, são os “[...] resquícios de mecanismos de pensar (posição esquizoparanoide) que constituem os núcleos psicóticos da personalidade normal” ( $P_{31}$ ).

f) É análoga às formas de pensamento dos povos *primitivos* e resultante do desenvolvimento filogenético, que é repetido no desenvolvimento ontogenético





(P<sub>1</sub>, P<sub>7</sub>, P<sub>13</sub>, P<sub>19</sub>, P<sub>31</sub>, P<sub>34</sub>). Desse modo, pela perspectiva da evolução, a mente primitiva compreende os princípios do funcionamento mental, reconhecidos como propriamente humanos no processo de hominização na pré-história (P<sub>1</sub>, P<sub>7</sub>, P<sub>13</sub>, P<sub>19</sub>, P<sub>31</sub>, P<sub>34</sub>), sendo repetidos a cada nascimento de um novo bebê, que se constituirá em um novo sujeito, e permanecendo, de algum modo, *operantes* (P<sub>7</sub>, P<sub>19</sub>) tanto os resquícios do desenvolvimento da espécie quanto os da história pessoal (P<sub>7</sub>, P<sub>31</sub>, P<sub>34</sub>).

### 3.3. Proposições contrárias ao uso da expressão *mente primitiva*

As concepções que divergem quanto à utilização da noção de mente primitiva se expressam num conjunto de afirmações que enfatizam a não-aceitação desse termo (P<sub>5</sub>, P<sub>6</sub>, P<sub>9</sub>, P<sub>10</sub>, P<sub>20</sub>, P<sub>22</sub>, P<sub>23</sub>, P<sub>33</sub>, P<sub>36</sub>), por meio de manifestações tais como “não o emprego” (P<sub>5</sub>), “não utilizo” (P<sub>6</sub>), “não uso” (P<sub>10</sub>, P<sub>22</sub>). Ou ainda, “discordo [...] e nunca o emprego” (P<sub>20</sub>), “é uma expressão imprópria como conceito” (P<sub>9</sub>), “não é um conceito psicanalítico” (P<sub>10</sub>), “fui seguidamente abandonando [...]” (P<sub>36</sub>), “merece ser descartado e criticado” (P<sub>33</sub>), “[...] sendo de todo arbitrário dizer: a partir daqui, a mente ‘passou a’ ou ‘deixou de’ ser primitiva” (P<sub>23</sub>).

As justificativas que embasam esse conjunto de opiniões dizem respeito a que a expressão *mente primitiva* é arbitrária (P<sub>23</sub>), devendo ser vista com a mesma restrição feita por antropólogos em função do termo conter uma “[...] qualificação criticada pelo seu etnocentrismo e pretensão de superioridade que comporta” (P<sub>5</sub>), por ser uma palavra fortemente adjetivada, indicando pouca neutralidade e alto grau de qualificação (P<sub>9</sub>). Além disso, pesa contra a sua aceitação o fato de ser utilizada sem definição e de modo tão amplo que “[...] acaba não significando nada” (P<sub>33</sub>) e, talvez por isso, alguns participantes indiquem preferir usar outros termos tais como *precoce* ao invés de primitivo “[...] por ser um indicador mais neutro, menos qualificativo” (P<sub>9</sub>); *estado primitivo da mente* (P<sub>22</sub>), ou, ainda, *mente inicial* (P<sub>36</sub>). Assim sendo, preferir *estado primitivo da mente* ocorre em função de “[...] explicitar um funcionamento mental com fantasias primitivas (por vezes profantasias, elementos beta, etc.), de objetos parciais e utilização de mecanismos primitivos de defesa (cisão, *splitting*, etc.) ou ansiedades impensáveis, na linha de Bion e Winnicott” (P<sub>22</sub>). *Mente inicial* justifica-se por subentender “[...] um processo sujeito a variações várias como realmente acontece com a mente humana”, do mesmo modo que o seu substrato anatômico, o cérebro, “[...] surge quase indiferenciado e vai se estruturando anatomicamente e funcionalmente, tanto no homem como nos animais. Ele não nasce e fica lá no primitivo” (P<sub>36</sub>). Há ainda quem faça a opção por “[...] falar diretamente de processos inconscientes,





processo primário, ou então usar o adjetivo *infantil* (no sentido de *infans*, sem fala), ou, se for o caso, o conceito de *originário*, oriundo da metapsicologia de Piera Aulagnier” (P<sub>5</sub>).

Embora não concordem com a expressão *mente primitiva*, alguns pontos podem ser destacados dos discursos dos participantes que se enquadram no presente eixo, entre os quais está o posicionamento enfatizando que “a mente primitiva é oriunda das escolas de relação de objeto” (P<sub>6</sub>) e que vislumbra “[...] uma rica área de sobreposição com conceitos da psicanálise freudiana. Por exemplo, o lugar da mente primitiva pode ter um paralelo na psicanálise francesa com aquilo que lá é formulado em torno do Originário (de Laplanche, Le Guen, etc.) ou mesmo o Primitivo de Fedida, embora os contextos sejam [sic] diferentes” (P<sub>6</sub>). Há ainda a consideração de que, embora *mente primitiva* seja uma expressão imprópria como conceito, é possível “[...] ver sentido nas descrições de fatos clínicos que acompanham essa denominação” (P<sub>9</sub>).

### 3.4. Outras constatações

Nos discursos dos participantes foi possível verificar posicionamentos que fazem referência à origem das questões relativas à noção de mente primitiva, bem como detectar as influências de alguns autores clássicos em seus discursos. Dentre eles, destacam-se predominantemente referências a Freud, Klein e Bion. Winnicott aparece com menor ênfase.

Algumas afirmações indicam que o conceito de *mente primitiva* “[...] deriva das especulações teóricas do próprio Freud (...)” (P<sub>1</sub>), ou que entende “(...) a mente primitiva como Freud a conceituou [...]” (P<sub>40</sub>). Há ainda quem assegure que a expressão *mente primitiva* é utilizada conforme descrito por Melanie Klein (P<sub>4</sub>, P<sub>15</sub>), ou considerando-a “no sentido kleiniano do termo” (P<sub>38</sub>), “uma conceituação baseada na teoria kleiniana” (P<sub>33</sub>). Quanto a Bion, segundo um dos participantes, “[...] é onde aparece com mais frequência; ele se refere a esta expressão de forma significativa e tem grande importância no conjunto de sua obra e de seu pensamento” (P<sub>14</sub>). Contudo, um outro posicionamento declara “[...] tratar-se de uma leitura descuidada da obra de Bion” (P<sub>40</sub>).

## 4. Discussão

Dentro das proposições gerais é possível destacar a problemática que envolve a expressão *mente primitiva* no contexto psicanalítico como uma inquietude intelectual que se justifica pela imprecisão conceitual que a envolve, em função da forma ampla e genérica como é tratada frequentemente na literatura,



o que leva ao questionamento de alguns quanto a ser ou não ser um conceito psicanalítico.

Essa problemática, em princípio, poderia ser considerada em função da pluralidade de linhas teóricas no seio da psicanálise e suas consequentes divergências. Embora não se possa descartar esse aspecto, é possível pensar que, mesmo havendo essas diversas psicanálises com suas especificidades, no presente estudo os participantes favoráveis ao uso do conceito de *mente primitiva* enfatizam, direta e indiretamente, a influência de Freud, Klein e Bion em seus posicionamentos, além de, em menor grau, serem citados Winnicott e outros. Tal fato talvez indique não ser esta a principal fonte geradora das divergências quanto à expressão *mente primitiva*, embora, como dito acima, não possa ser desconsiderada.

Por outro lado, em termos gerais, a imprecisão conceitual constatada poderia ser relacionada de algum modo à condição de provisoriedade inerente ao processo de construção de conceitos na teoria psicanalítica, tendo-se em vista a especificidade de seu objeto (Darriba, 2002, 2003), o que pode gerar crises conceituais, evidenciando, por vezes, falta de solidez em determinada proposição (Warchavchik et al., 2004). Até porque “[...] desde a obra de Freud, os conceitos psicanalíticos têm resistido às definições demasiadamente estritas e têm sido carregados de significações múltiplas e até contraditórias” (Zolty, 1989, p. 9). Mesmo que se parta dessa consideração referente à dificuldade, ou até mesmo impossibilidade, de um conceito psicanalítico ser definido de modo a expressar a totalidade do fenômeno a que se refere, em termos mais específicos é preciso ponderar que os conceitos têm a função comunicativa de sentidos, de significações, que precisam ser claros o suficiente para serem compreensíveis, mesmo que se sponha a sua incompletude.

As proposições dos participantes que consideram pertinente a utilização da expressão *mente primitiva* indicam que, em linhas gerais, está relacionada ao modo de funcionamento mental em que há a prevalência do processo primário; refere-se à condição psíquica inicial do bebê, correspondendo às etapas iniciais do desenvolvimento do psiquismo humano; é pré-simbólica; é aquela que experimenta intensamente ansiedades psicóticas e em que predomina o uso de mecanismos de defesa arcaicos/primários (ou primitivos); está presente em todos os indivíduos, nos diversos momentos da vida que evocam as configurações iniciais da construção do aparelho psíquico e que a filogênese se repete na ontogênese.

Estas assertivas indicam uma caracterização da noção de *mente primitiva*, de acordo com os discursos desses participantes, embora não sejam aqui levadas em consideração as filiações aos diferentes grupos teóricos existentes na



psicanálise, por não ser o propósito do presente estudo. Contudo, embora possibilitem uma maior clareza quanto ao que denominam de *mente primitiva*, no contexto desta investigação é preciso considerar as proposições contrárias ao uso dessa expressão, desde a menção a não ser um conceito psicanalítico, a conter em si uma qualificação etnocêntrica criticável, até a sugestão do uso de *precoce* ao invés de primitivo, ou a substituição por *estado primitivo da mente*, *mente inicial*, ou simplesmente *processos inconscientes*, *processo primário*, *infantil*, *originário*, por exemplo.

No confronto dessas duas categorias de proposições, o que sobressai, na nossa visão, é a explicitação de pontos de vista diferentes e até antagônicos que, embora coerentes nas suas construções, isoladamente não dão conta da problemática – até porque para isso seria necessário levar em consideração pelo menos dois aspectos. Um deles seria ponderar que, independentemente de qual posição se assuma, há a necessidade de levar em conta a importância da precisão e da clareza conceitual nos processos de conceituação, sem perder de vista que, “[...] em psicanálise, toda significação conceitual é, definitivamente, uma significação contextual” (Zolty, 1989, p. 9). Isto nos leva ao outro aspecto, ou seja, se mantida essa preocupação, é possível a convivência dessas diferenças como confronto necessário para, quem sabe, surgir posteriormente algo novo que supere os limites das discussões atuais, pois essa é uma condição imprescindível ao avanço do conhecimento, sem que haja, contudo, a pretensão de padronização, de uniformização de significados.

## 5. Considerações finais

Tendo em vista os resultados apresentados e discutidos acima, é possível constatar que investigar as concepções de psicanalistas sobre a mente primitiva expõe uma problemática importante, pois, embora o uso dessa expressão seja frequente, não se encontra na literatura uma definição (Costa, 2010), mesmo que provisória. Assim, procuramos deixar claro no objetivo proposto que nosso objeto de pesquisa não seriam as supostas teorias sobre a mente primitiva, fossem elas concordantes ou divergentes, mas as concepções dos participantes. Em função dessas questões, consideramos pertinente adotar neste estudo uma perspectiva metodológica que privilegiou os dados descritivos com o objetivo de clarificar os posicionamentos encontrados, constituindo-se assim em um estudo inaugural sobre o tema, que permita o desenvolvimento posterior de novas investigações em que se confrontem as diferentes proposições encontradas no discurso dos psicanalistas participantes com os autores nos quais se baseiam.



Contudo, não ignoramos que o conceito de primitivo, nas suas múltiplas manifestações, sempre exerceu fascinação na área psicanalítica, tanto no âmbito teórico quanto na prática clínica, mesmo considerando-se as diferentes escolas ou autores, tornando-se uma espécie de pedra de toque na psicanálise (Grotstein, 1997). Esse mesmo autor ressalta ainda que, além de Freud, também Klein, Bion e Winnicott abordaram a questão com profundidade. No entanto, embora as contribuições de tais autores sejam inestimáveis para a psicanálise e particularmente para o tema em questão, considerando-se a sua multiplicidade de posicionamentos, é preciso atentar que eles não fazem do termo uma definição propriamente dita. Desse modo, discorrer sobre a gênese do psiquismo não é necessariamente definir o conceito de mente primitiva, embora suas teorizações possam contribuir para o entendimento dessa expressão. Ou ainda, propor que a ênfase nos estudos acerca da mente primitiva é dada a partir deste ou daquele autor não é o mesmo que afirmar que tais autores definiram com maior precisão o conceito. Talvez por essa configuração de contornos pouco precisos é que certas teorizações desses mesmos autores podem ser tomadas como fundamentos em defesa de uma ou de outra proposição, embora ambas sejam contrárias em suas afirmações, como aparece nos resultados aqui apresentados.

Em outras palavras, aliás, as contribuições desses autores são evidenciadas no discurso dos psicanalistas participantes que culminou nas diferentes proposições apresentadas nos resultados, embasando suas concepções, tanto para a afirmação de proposições concordantes com o conceito de mente primitiva quanto para a afirmação das proposições contrárias ao uso de tal expressão. Certamente que isso exige um estudo mais aprofundado de cada argumentação, estudo que foge ao nosso objetivo e ao espaço físico do presente artigo.

Os achados da presente investigação ressaltam uma multiplicidade de posicionamentos e perspectivas em torno do tema que expressam as condições inerentes ao processo de construção da teoria psicanalítica, referente à sua mutabilidade, ao seu contínuo processo de transformação e à impossibilidade de definição última de seus conceitos em função da natureza do seu objeto. Quiçá esse pluralismo, seja em questões pontuais, seja na configuração geral da psicanálise, possa se constituir sempre como um sinal de vitalidade, em que discussões controversas construtivas efetivamente contribuam para o aprofundamento das construções conceituais psicanalíticas, pois, mesmo nesse campo, a diversidade e o pluralismo necessitam ter alguns contornos (Dreher, 2008). Caso contrário, conforme Guimarães Filho (2008), ter-se-ia uma mera “Torre de Babel” e as vias de desenvolvimento do conhecimento na psicanálise poderiam ficar comprometidas. □



## Abstract

### **Conceptions about primitive mind in the discourse of psychoanalysts: a theme in research**

The expression primitive mind appears frequently in the psychoanalytic literature, often used as a concept without precise definition, establishing a problem from which we intended to investigate the psychoanalysts' conceptions about primitive mind, through a qualitative-descriptive study. Forty psychoanalysts of both genre and from different areas of the country were interviewed. Agreeable and discordant propositions as for the use of such expression, prevailing in the arguments of both sides, references to Freud, Klein, Bion and, with less emphasis, Winnicott, were highlighted. In the confrontation of those two categories of propositions what stands out it is the clarification of different, even antagonistic points of view, in which remains the complexity that surrounds the use of the expression *primitive mind* in the psychoanalytic context, configuring a multifaceted field from which other countless possibilities of investigation emerge.

Keywords: Primitive mind. Primitive states of mind. Research. Psychoanalysis.

## Resumen

### **Las concepciones sobre la mente primitiva en el discurso de psicoanalistas: un tema en investigación**

La expresión mente primitiva aparece con frecuencia en la literatura psicoanalítica, muchas veces usada como un concepto sin definición precisa, constituyéndose en una problemática a partir de la cual nos propusimos investigar las concepciones de psicoanalistas sobre la mente primitiva a través de un estudio cualitativo-descriptivo. Fueron entrevistados 40 psicoanalistas de ambos los sexos y de diferentes regiones del país. Se destacaron proposiciones concordantes y discordantes cuanto al uso de tal expresión, predominando en las argumentaciones de ambos los lados referencias a Freud, Klein, Bion y, con menos énfasis, Winnicott. En el confronto de esas dos categorías de proposiciones lo que sobresale es la explicitación de puntos de vista distintos y hasta antagónicos, en los cuales lo que queda marcado es la complejidad que cerca la utilización de la expresión *mente primitiva* en el contexto psicoanalítico, configurándose un campo multifacetado de lo cual emergen innumerables otras posibilidades de investigación.



Palabras llave: Mente primitiva. Estados primitivos de la mente. Investigación. Psicoanálisis.

## Referências

- AZZONI, A. et al. (1986). Epilepsy, allergic disorders and primitive psychic organization: a case. *Perspectives Psychiatriques*, v. 25, n. 4/5, p. 339-343.
- BELL, D. (1996). Primitive mind of state. *Psychoanalytic psychotherapy*. v. 10, n. 1, p. 45-57.
- BRAGA, J. C. (1995). O psicanalista: um artífice e os limites de sua identidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 29, n. 3, p. 481-488.
- CAMPOS, L. F. L. (2001). *Métodos e técnicas de pesquisa em psicologia*. 2. ed. Campinas: Alínea.
- CHEMAMA, R. (Org.). (1995). *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.
- COSTA, P. J. (2010). *A mente primitiva: um estudo conceitual a partir da produção psicanalítica escrita*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- COSTA, P. J.; CARVALHO, R. M. L. L. (2002). A mente primitiva: um estudo da produção psicanalítica escrita no Brasil (1997-2001). In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE PSICOANÁLISIS, 24., 2002, Montevideo. *Resumos...* Montevideo: FEPAL. 1 CD-ROM.
- CUNHA, J. A. (Org.). (1970). *Dicionário de termos de psicanálise de Freud*. Porto Alegre: Globo.
- DARRIBA, V. A. (2002). A experiência do conceito em psicanálise: a provisoriade e a ênfase na observação. In: BEVIDAS, W. (Org.). *Psicanálise, pesquisa e universidade*. Rio de Janeiro: Contra Capa. p. 57-69.
- \_\_\_\_\_. (2003). *O que é produzir conceitos na psicanálise: uma investigação em Freud e Lacan*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- DAVIDSON, G. M. (1963). Dostoevsky and the perennial drama of man. *Psychiatric Quarterly Supplement*, v. 37, n. 1, p. 88-105.
- DREHER, A. U. (2008). Pluralismo na teoria e na pesquisa: e agora? *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 131-153.
- EIGEN, M. (1981). Reflections on eating and breathing as models of mental functions. *American Journal of Psychoanalysis*. v. 41, n. 2, p. 177-180.
- EISSLER, K. R. (1952). Time experience and the mechanism of isolation. *Psychoanalytic Review*, v. 39, p. 1-22.
- EL SAFTI, M. S. (1973). Language is psychoanalysis. *Dynamische Psychiatrie*, v. 6, n. 2, p. 87-97.
- GOMES, M. C. A. P. (1983). Considerações sobre estados primitivos da mente através da análise de um jovem com sérios distúrbios no contato. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 17, n. 4, p. 449-488.
- GROTSTEIN, J. S. (1997). The psychoanalytic fascination with the concept of the “primitive”, In: ALHANATI, S.; KOSTOULAS, K. (Ed.). *Primitive mental states*. v. 1. Northvale: Jason Aronson. p. 1-21.
- GUIMARÃES FILHO, P. D. (2008). Babel ou semiosfera psicanalítica: quais as vias de desenvolvimento do conhecimento na psicanálise? *Revista Brasileira de Psicanálise*. v. 42, n. 2, p. 118-127.
- HANNS, L. A. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- HINSHELWOOD, R. D. (1992). *Dicionário do pensamento kleiniano*. Porto Alegre: Artmed.
- KAIO, S. S. (1999). Desvelando o mundo mental primitivo: do terror inominado às construções sonhantes delimitadoras do espaço psíquico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 33, n. 1, p. 61-78.
- KAUFMANN, P. (Ed.). (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.



- KHAN, M. (1968). Reparation to the self as an idolised internal object: a contribution to the theory of perversion formation. *Dynamische Psychiatrie*, v. 1, n. 2, p. 92-98.
- KORBIVCHER, C. F. (1999). Mente primitiva e pensamento. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 33, n. 4, p. 687-707.
- \_\_\_\_\_. (2006). A mente do analista e as transformações autísticas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 39, n. 4, p. 113-130.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. (1986). *Vocabulário da psicanálise*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- LEIRA, T. (1998). The princess who did not smile: a clinical account of the development of primitive psychic structure in a 4-year-old child. *International Journal of Psychoanalysis*, v. 79, n. 6, p. 1097-1113.
- LISONDO, A. B. D. (1992). A reinterpretación da tragédia de Édipo à luz da adoção e dos estados primitivos do desenvolvimento do psiquismo humano. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 26, n. 4, p. 527-538.
- LONGMAN, J. (1994). Estágios primitivos da mente. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 28, n. 2, p. 253-260.
- MOUSSEAU, J.; MOREAU, P. F. (1984). *Dicionário do inconsciente*. São Paulo: Verbo.
- OLSON, N. (1997). Cubism, Freud, and the image of wit. *Psychoanalytic Study of the Child*, v. 52, p. 301-331.
- REZZE, C. J. (1997). Transferência: rastreamento do conceito e relação com transformações em alucinação. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 31, n. 1, p. 137-166.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- RYCROFT, C. (1975). *Dicionário crítico de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- SHENGOLD, L. (1993). A note on symbolism: a brief communication. *International Journal of Psychoanalysis*, v. 74, n. 5, p. 961-964.
- TURATO, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes.
- TUTTMAN, S. (1985). Edith Jacobson's major contributions to psychoanalytic of development. *American Journal of Psychoanalysis*, v. 45, n. 2, p. 135-147.
- WARCHAVCHIK, I. et al. (2004). Um estudo sobre características da pesquisa psicanalítica. In: HERRMANN, F.; LOWENKRON, T. (Orgs.). *Pesquisando com o método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo. p. 09-19.
- ZANOCCO, G. et al. (2006). Sensory empathy and enactment. *International Journal of Psychoanalysis*, v. 87, n. 1, p. 146-158.
- ZIMERMAN, D. E. (2001). *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.
- ZOLTY, L. (1989). Apresentação: como definir um conceito psicanalítico. In: NASIO, J. D. *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. p. 9-10.

Recebido em 13/06/2010

Aceito em 02/08/2010

**Eva Maria Migliavacca**

Rua Joaquim Antunes, 490/12  
05415001 – São Paulo – SP – Brasil  
e-mail: emiglia@usp.br

© Revista de Psicanálise – SPPA